

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E
COMUNICAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

RAFAEL AUGUSTO GRADIZ MOURA

USO DAS REDES SOCIAIS E FERRAMENTAS DIGITAIS COMO RELEVÂNCIA
NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

Juiz de Fora

2018

Rafael Augusto Gradiz Moura

Uso das redes sociais e ferramentas digitais como relevância no processo de ensino/aprendizagem

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação para a Educação Básica, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Dr.^a Carla Silva Machado

Juiz de Fora

2018

Rafael Augusto Gradiz Moura

Uso das redes sociais e ferramentas digitais como relevância no processo de ensino/aprendizagem

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização Tecnologias da Informação e Comunicação para a Educação Básica, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Titulação. Nome e sobrenome - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titulação. Nome e sobrenome
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titulação. Nome e sobrenome
Universidade Federal de Juiz de Fora

RESUMO

Este trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Tecnologias da Informação e Comunicação para a Educação Básica é composto pelo memorial, relato das atividades desenvolvidas durante as disciplinas do curso e de projeto didático desenvolvido pelo candidato ao título de especialista. O projeto didático foi desenvolvido com os alunos do Ensino Médio da Escola Objetivo, de Bragança Paulista, tendo utilizado como recursos a rede social Facebook e as ferramentas digitais do *Google*. Os resultados obtidos com o desenvolvimento do projeto didático trouxeram uma nova visão para o docente que pode perceber as potencialidades da utilização correta dessas ferramentas e da rede social no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação; Facebook; Ferramentas Digitais; Google Drive; Google Docs.

SUMÁRIO

1.	MEMORIAL	13
1.1.	Introdução	13
1.2.	O início do curso.....	14
1.3.	O 2º semestre	14
1.4.	Considerações finais sobre o memorial	16
2.	RELATOS PRODUZIDOS NAS DISCIPLINAS DO CURSO	17
2.1.	Processo Cognitivos	17
2.2.	Tecnologias de Informação e Comunicação I	17
2.3.	Educação por Internet	18
2.4.	Computador em Sala de Aula	18
2.5.	Gestão Escolar	19
2.6.	Produção de Material Pedagógico	19
2.7.	Técnicas e Metodologias para o uso de TICs na sala de aula.....	20
2.8.	Tecnologias de Informação e Comunicação II.....	20
3.	PROJETO DE TRABALHO	22
3.1.	Tema	22
3.2.	Título	22
3.3.	Problema	22
3.4.	Levantamento de hipóteses e soluções	23
3.4.1.	Redes sociais	23
3.4.2.	Ferramentas digitais.....	23
3.4.3.	Uso dos smartphones	23
3.5.	Base teórica.....	23
3.5.1.	Da aprendizagem pelo virtual.....	32
3.5.2.	Das redes sociais e Ferramentas Digitais: Facebook e Google Docs	25
3.5.2.1.	Facebook.....	37
3.5.2.2.	Google Drive e Google Docs.....	39
	CONCLUSÃO	42
	REFERÊNCIAS	44

1. MEMORIAL

1.1. Introdução

Sou graduado em Direito pela Universidade São Francisco, Pedagogia pela Faculdade Associada Brasil, Filosofia pelo Centro Educacional Claretiano, Pós-graduado em Direito Educacional e Docência no Ensino Superior pela Faculdade Associada Brasil e Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos.

Em minha trajetória profissional, acabei encontrando na educação uma razão para viver e me emocionar com todas as pessoas que passam sob nossa supervisão educacional, aos quais damos o nome de alunos. Quando finalmente me encontrei nesse mundo, vejo a cada ano que se passa que os adolescentes vão modificando seus gostos, costumes, ideologias, mesmo pertencendo a mesma geração.

Diante dessas mudanças, pude perceber que a mais acentuada se refere ao desgaste diante da instituição escolar e seus métodos arcaicos de educação, em que ainda temos o professor como centro das atenções, principalmente nas escolas particulares, as quais são voltadas praticamente para que os alunos decorem e passem em vestibulares de instituições públicas.

Mesmo com a pressão da sociedade, dos pais, das escolas, esses alunos começam a se entediar com os mesmos métodos, os quais não surtem mais efeitos diante de um mundo tão vasto e “colorido” que é a internet e os meios digitais.

Com todo esse impasse, eu, sendo um amante de tecnologia, sempre tentei entrar no ambiente digital que os alunos se encontram para adequar da melhor maneira possível minhas aulas. Com isso, ao pesquisar e jogar um pouco dos jogos que eles estavam jogando, os canais do Youtube que estavam acessando, e os famosos memes e terminologias que circulam na internet, vi uma grande oportunidade de trazer todo esse universo digital para dentro da sala de aula.

Mesmo com grande empenho, após inúmeras pesquisas, acabei me surpreendendo com o gigante universo que estava entrando para adequá-lo da melhor maneira possível à educação. Lógico que havia a necessidade de me aprofundar cientificamente no assunto e, para auxiliar nessa questão, acabou abrindo processo seletivo para a presente pós-graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora com o tema Tecnologias da Informação e Comunicação no Ensino Básico, razão pela qual me inscrevi no curso e comecei minha trajetória científica nesse universo.

1.2. O início do curso

Com a aula inaugural e o módulo zero, pensei que estaria no curso errado, pois as aulas não trouxeram nada de novo para a minha formação científica. A divisão dos tópicos das matérias e seus conteúdos não tinham tanto a me oferecer. Entretanto, com as disciplinas de Educação por Internet, Tecnologia de Informação e Comunicação I e Processos Cognitivos, comecei a perceber a real importância de englobar o uso das tecnologias no ambiente escolar, importando em pesquisa mais acentuada para alcançar esse objetivo.

Nesse momento, estava, aos poucos, implementando o que era aprendido nas disciplinas do curso, em especial o uso das redes sociais, as quais já estavam em andamento com as turmas do Colégio Objetivo de Bragança Paulista. A rede social em questão é o *Facebook*, através de um grupo fechado em que somente os alunos desse colégio podem participar. Achando que estava inovando, percebi que o modo com que eu estava ministrando o conteúdo nessa rede social não estava atraindo, de fato, os alunos, virando meramente uma ferramenta para depósito de informação e obtenção de nota, sem a devida discussão dos temas apresentados.

Diante disso, as matérias apresentadas mostraram que é de suma importância para remodelar a estrutura de como as redes sociais, seus processos de absorção de informações, as simbologias e as linguagens que devemos usar nesse ambiente.

1.3. O 2º semestre

O 2º semestre do curso de pós-graduação veio mais sólido e rico em detalhes no que tange à aplicação direta dos meios tecnológicos no ambiente escolar. Com essas aulas, entendi o que eu estava errando no grupo do *Facebook* e por que meus alunos não estavam se sentindo motivados com aquele formato de aula virtual.

O que eu estava fazendo era colocar um determinado tema e fazer com que os alunos postassem suas opiniões acerca do assunto, mas percebi que eram muitas opiniões sem fundamentação científica, partindo do achismo de suas experiências. Além disso, era cerca de 70 alunos de cada um dos três anos do Ensino Médio, fazendo com que as publicações se tornassem grandiosas. Ainda, como não é o sistema adequado, até localizar todas as postagens, de aluno por aluno, tomava muito tempo e, por vezes, poderia ocorrer um equívoco na avaliação da participação.

Diante das matérias apresentadas no 2º semestre, organizei de uma forma mais simples, fácil, e de participação mais efetiva dos alunos. Através do grupo fechado no *Facebook*, eu postava as atividades para serem feitas através do Google Drive, o qual há um *username* único para a turma toda. Nessa pasta do Google Drive há três pastas do 1º, 2º e 3º anos, sendo que em cada uma delas há uma subpasta com as turmas (A e B), sendo que as postagens individuais deveriam manter um parâmetro de formatação em seu nome, ou seja, “Série” – “Primeiro nome do aluno” – “nº de chamada” – “nº da atividade” (por exemplo: 3ºA – Fábio – 06 – AT1). Com essa formatação, eu pude organizar por ordem alfabética e ver quantas atividades eles fizeram, sendo que essas atividades eram perguntas que dava no *Facebook*, mas que deveriam ser respondidas no caderno, pois nessa etapa, deixá-los digitarem poderia gerar uma cópia generalizada das informações. A outra atividade que passei através do Google Drive, utilizando a ferramenta do Google Docs ou elaborada em grupo, a qual deveria ser digitada no arquivo *online* com o nome do grupo que geralmente eu colocava em um numeral, sendo que esse arquivo contém formatação e deve ser escrito por todos, os quais usarão cores diferentes no texto para demonstrar a parte que fizeram. Vale destacar que sempre seria perguntado aleatoriamente aos alunos dentro de sala de aula sobre a parte que escreveu, prevenindo que um único aluno fizesse tudo e colocasse cores para alegar que o grupo ajudou. Esses temas que eram colocados para a pesquisa eram diferentes, mas se relacionavam, evitando que um grupo copiasse do outro as informações.

Após elaborado os trabalhos no Google Docs e alojados automaticamente no Google Drive, os alunos postavam os links dos trabalhos no grupo do *Facebook*, os quais eram utilizados para as aulas subsequentes, já que a pesquisa era com o intuito de antecipar o conteúdo por eles pesquisado. No começo, pensei que não daria certo, que seria muito trabalhoso, mas os alunos gostaram da ideia e de usar a tecnologia de forma diferente.

Outro ponto que fui influenciado pela disciplina de Produção de Material Pedagógico foi um trabalho divertido que intitulei de “Fabricação de Memes Filosóficos”, sendo que essa atividade consistia em apresentar um texto científico aos alunos, em que há várias passagens de pensamentos de determinado filósofo, em que os alunos deveriam pegar uma foto do pensador, colocar uma frase vulgar que representasse o pensamento dele e, logo abaixo, colocar “mas você não pode falar assim!” e, abaixo, colocar a passagem correta. Com isso, os alunos tinham que ler o texto integralmente, achar o posicionamento dos filósofos e criar esses memes.

1.4. Considerações finais sobre o memorial

Com a escrita desse memorial, posso concluir meu compromisso com a educação, especialmente em buscar novas alternativas para que essa seja feita com rigor, mas ao mesmo tempo que os alunos se entusiasmem com o ato de aprender.

Como já estava praticando novas alternativas para englobar as tecnologias ao ambiente educacional, percebi que poderia contribuir muito mais não só para a minha disciplina, mas também para a vida dos alunos no que tange às questões pessoais e acadêmicas quando entrarem nas universidades, já que estarão mais familiarizados com a troca de informações no âmbito virtual. Além disso, estou provocando certo grau de autonomia para que pesquisem sem serem motivados por notas.

Digo que fui muito bem orientado por todos os profissionais envolvidos na UFJF, os quais sempre estiveram dispostos a ajudar nos momentos mais difíceis das elaborações dos trabalhos, demonstrando profissionalismo, paciência e prontidão nas requisições.

Com esse memorial, houve uma oportunidade única de recapitular toda a minha evolução profissional e a trajetória acadêmica, e em especial, minha vida pessoal e momentos que vivi enquanto cursava esta pós-graduação, lembrando que mesmo em momentos difíceis, a educação deve ser mantida.

2. RELATOS PRODUZIDOS NAS DISCIPLINAS

A presente seção apresentará uma síntese das disciplinas cursadas durante esta especialização, destacarei as atividades de cada disciplina que foram mais relevantes para minha trajetória ou que foram significativas no meu processo de ensino-aprendizagem:

2.1. Processo Cognitivos

Na disciplina Processos Cognitivos pude aprender os pontos que norteiam o processo de ensino/aprendizagem e como eles devem ser aplicados ao público discente, seus modelos de pensamento e a importante de se aprender sobre o aluno, como ele reage a matéria.

Ainda, trazemos os estudos dos signos da linguagem no qual o aluno pode entender os símbolos do que está sendo aprendido e conseguir fazer conexões com o que ele já sabe, demonstrando que a aprendizagem deve ser significativa, fazendo bem o ato de aprender do aluno.

Gostei de trabalhar na atividade denominada "Troca de experiências", da semana 3, sendo trabalhada através do fórum, ou seja, coletivamente, em que foram apresentadas as experiências de sucesso entre os docentes, enriquecendo ainda mais nosso trabalho docente, visto que várias ideias foram apresentadas, abrindo as possibilidades.

2.2. Tecnologias de Informação e Comunicação I

A disciplina TIC I trouxe inúmeras palestras sobre a utilização da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, sempre colocando como foco as mudanças geracionais que a sociedade passa, incluindo nessa modificação a própria tecnologia e como a sociedade enxerga esses conceitos.

Foi demonstrado que a sociedade está cada vez mais conectada através dos meios de comunicação tecnológicos, não podendo o docente se escusar de utilizar esses meios para auxiliar na aprendizagem dos alunos. Trazer, analisar e colocar as tecnologias da informação e comunicação não é tarefa fácil, mas é através dela que podemos romper paradigmas educacionais.

Um das atividades que chamou minha atenção foi a da atividade I, semana 2, na qual ocorreu um chat entre os integrantes dos polos, sendo trazido pelo tutor as questões de qual a importância dos desdobramentos da técnica, da tecnologia e tecnociência, ao longo da

história, para o desenvolvimento da vida humana em sociedade e como poderíamos nos apropriar das TIC para ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem na educação.

Nesta atividade pude crescer com o desenvolvimento dos temas propostos, visto que as mensagens eram trocadas de forma instantânea, sempre colocando os pontos estudados em conjunto com as práticas docentes. Muitos dos ensinamentos ali colocados não só pelo tutor, mas também pelos colegas de polo resultaram em novas possibilidades para a aplicação das TICs em sala de aula.

2.3. Educação por Internet

A disciplina Educação por Internet trouxe vários meios para podermos interagir com os alunos através do computador, expandindo assim o espaço físico da sala de aula para que o professor possa estar ainda mais conectado com os alunos, fazendo com que eles se aproximem mais da matéria.

A atividade da semana 5 e 6 que falava sobre o uso das redes sociais para auxiliar os estudos dos alunos foi o capítulo preferido, pois eu já trabalhava com as redes sociais e com as interações com meus colegas e o material disponibilizado, pude melhorar essa técnica visando o benefício dos meus alunos.

Com isso, a proposta de intervenção foi elaborada a partir do que já foi trabalhado por mim e com os acréscimos obtidos com as discussões em fóruns e com o material de apoio. Para tanto, há um grupo *no facebook* que já trabalho com eles todos os materiais extraclasse. <https://www.facebook.com/groups/873923202677950/?ref=bookmarks>

2.4. Computador em Sala de Aula

Na disciplina Computador em Sala de Aula, colocamos não só os computadores em sala de aula, mas também todos os meios de relação digital para dentro do espaço pedagógico com o intuito de auxiliar nos processos de ensino dos alunos, trazendo novas ferramentas para a elaboração de novos métodos de aprendizagem.

A atividade da semana 3 foi a mais intrigante sobre a gameificação. A discussão foi muito construtiva, pois por mais que os games estejam engajados na rotina dos alunos, podemos trazer a dificuldade dos profissionais em realizar um game com o conteúdo da matéria, pois essa programação é feita apenas por pessoas capacitadas para tal atividade, como profissionais de TI e designer de games.

A aplicação de games poderia ser de grande valia se fosse realizado um projeto nacional para o desenvolvimento dessa ferramenta em todas as matérias e suas vertentes. Assim, os jogos poderiam ser usados em grau nacional, o que pouparia custos com o desenvolvimento.

2.5. Gestão Escolar

A disciplina Gestão Escolar informatizada veio agregar o conhecimento tecnológico à gestão não só da unidade escolar, mas também de seus profissionais, educandos e sociedade.

A atividade da Unidade II fez com que pudéssemos abrir nossas concepções sobre a informatização das relações escolares com o intuito de angariar dados para a melhor análise dos fatos considerados primordiais para o bom funcionamento da escola. Com essa matéria, em discussão com os colegas do fórum, conseguimos chegar à conclusão que a informatização é necessária, de grande valia, mas essa deveria ser aberta não só aos gestores da escola, mas também aos profissionais que trabalham nela assim como toda a sociedade para ser ter uma ampla visão do que está acontecendo na educação e sua gestão.

A aplicação em sala de aula foi prejudicada, pois determinadas ferramentas são de acesso exclusivo da gestão escolar e não estão abertas para o público em geral. Assim, a aplicação de outros programas de administração seria inútil, pois os dados seriam coletados somente com aquelas classes e não seriam redistribuídos para o restante da escola.

2.6. Produção de Material Pedagógico

Na disciplina Produção de Material Pedagógico trouxe a criatividade dos docentes à tona, visto que é de grande importância a produção visual e suas atribuições para chamar a atenção dos alunos que estão conectados com essa explosão de cores e imagens através de filmes, séries, jogos e afins.

A semana 4 trouxe uma ideia que veio acrescentar ao meu repertório, já que por inúmeras vezes há aulas de atualidades no colégio em que trabalho e o cartaz de exposição que a entidade faz é simplório. Através dos vídeos e textos apresentados na matéria, pode-se analisar e refletir melhor sobre as posições, fontes e grafias para melhorar a perspectiva do espectador sobre o que está exposto.

Pudemos elaborar melhor o cartaz e publicá-lo via *facebook* para que todos os alunos e pais pudessem entrar em contato e perceber qual o tema que seria trabalhado. Com isso,

constatamos uma melhora significativa na visualização do cartaz expositivo, tendo respostas e questionamentos por parte de pais e alunos.

2.7. Técnicas e Metodologias para o uso de TICs na sala de aula

Na disciplina "Técnicas e Métodos para uso de TICs na sala de aula" pudemos perceber que a tecnologia possui uma linguagem própria em que os signos devem ser compreendidos pelos docentes para que possam entrar no universo em que os alunos estão engajados. Ainda, a utilização dos *smartphones* para gravações é meio eficaz para que as aulas e as apresentações fiquem mais interativas e interessantes, saindo da monotonia da sala de aula.

Na semana 6, Redes sociais, imagens e aprendizagem Estudo de caso 2, houve a possibilidade de aprender a utilizar as redes sociais para estar mais próximo dos alunos quando estes não estão na escola. Com a utilização das redes sociais, o professor pode postar materiais ou até mesmo tirar as dúvidas dos alunos sobre o conteúdo de aula. Além disso, fica muito mais célere a utilização das redes sociais para fixar os conteúdos utilizando *podcast*, charges e memes para melhorar o entendimento da matéria.

Com isso, a utilização dessas ferramentas e entender como os alunos visualizam e entendem esse universo é essencial para o sucesso do docente no processo de ensino-aprendizagem, já que deixar de utilizar tais ferramentas importa em dificuldades de entender os alunos e, assim, prejudica futuros planejamentos.

2.8. Tecnologias de Informação e Comunicação II

A disciplina "Tecnologias de Informação e Comunicação II" veio demonstrar a nova realidade que ronda a estrutura social e educacional não só no Brasil, mas também no mundo. Em razão da tecnologia, a sociedade, as empresas e os negócios mudam, O que antes era inovação, hoje é defasado e não mais utilizado pela sociedade. Diante desse prisma, a tecnologia vem trazendo diversos tipos de educação que são utilizadas a tecnologia como ponto de apoio desde graus mais moderados até os mais extremos onde não há a fiscalização e auxílio de um docente. Tivemos a apreciação dos Recursos Educacionais Abertos que são partes importantes para troca de conteúdos personalizados e de sucesso com vários professores do mundo. São conteúdos que estão para serem utilizados e modificados a qualquer tempo para auxiliar os alunos.

Na semana 9, a disciplina "Aprendizagem ubíqua na escola com o uso dos smartphones: redes sociais na sala de aula invertida." trouxe justamente aquilo que muitos temem por não saber lidar com as informações. A sala de aula invertida demonstra a possibilidade dos alunos fazerem a aula apresentarem suas ideias sobre a matéria e o professor nivelar e organizar as informações. Para isso, o uso dos smartphones em conjunto com as redes sociais é de grande valia já que eles podem trocar informações com a supervisão online do professor.

3. PROJETO DE TRABALHO

3.1. Tema

A utilização das redes sociais e ferramentas digitais para o auxílio do docente no processo de ensino/aprendizagem.

Nos dias atuais, vemos que as relações interpessoais estão cada vez mais próximas pela virtualidade, mas estão se distanciando fisicamente em razão da tecnologia e suas ferramentas. Analisando tal questão, não podemos ver essas conexões única e exclusivamente com um ponto negativo, pois as pessoas são absorvidas por esse monstruoso mecanismo sociais de interação em tempo real, sem limites de distância.

Por óbvio que diante desse cenário, nossos alunos da educação básica fazem parte de uma geração que já nasce conectada com seus aparelhos digitais, tornando a tarefa do professor um desafio para ministrar suas aulas de maneira atrativa e motivadora, devendo sempre se adequar as novas tecnologias que são criadas constantemente.

3.2. Título

O título escolhido foi “USO DAS REDES SOCIAIS E FERRAMENTAS DIGITAIS COMO RELEVÂNCIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM” justamente para trazer, sem a audácia de esgotar o tema, possibilidades para trabalhar de maneira efetiva com os alunos em razão de suas habilidades digitais, levando em consideração as experiências com a matéria de Filosofia.

3.3. Problema

O problema corresponde ao desencantamento dos alunos no que tange a exposição das aulas presenciais e a realização das atividades pelos meios convencionais.

Colocamos essa perspectiva, pois em razão do mundo tecnológico em que vivem, os encantamentos desse mundo paralelo são muito mais atrativos e significativos para eles do que as atividades propostas em sala de aula, fazendo com que a educação seja colocada em alerta.

3.4. Levantamento de hipóteses e soluções

Diante do problema levantado, podemos colocar algumas possíveis soluções a serem trabalhadas.

3.4.1. Redes sociais

É notório que praticamente todos os jovens possuem algum tipo de rede social na internet. Diante desse ponto, o docente poderia trabalhar de forma mais efetiva com as redes sociais, devendo o docente se atentar o modo de utilização e suas finalidades, levando-se em conta a utilização da rede social Facebook, em razão de suas maiores possibilidades de integração.

3.4.2. Ferramentas digitais

Aqui, a proposta estaria conectada com a utilização das ferramentas digitais como o Google Drive e Google Docs para a realização das tarefas escolares, visando maior integração entre docente e discentes, além de acompanhar de forma mais dinâmica as atividades, estando mais próximo para tirar dúvidas quando está fora do ambiente físico escolar.

3.4.3. Uso dos smartphones

Com o avanço da tecnologia, os smartphones trouxeram possibilidades nunca vistas para facilitar a vida de seus usuários, tanto que hoje, a vida de uma pessoa está relacionada ao aparelho, o qual conta com todos os dados, fotos, eventos e comunicação em tempo real. Assim, a utilização dos smartphones para a educação não é só válida como também necessária tendo em vista que todos estão conectados por esses aparelhos.

3.5. Base teórica

Nos dias atuais, vemos que as relações interpessoais estão cada vez mais próximas pela virtualidade, mas estão se distanciando fisicamente em razão da tecnologia e suas ferramentas. Analisando tal questão, não podemos ver essas conexões única e exclusivamente com um ponto de vista negativo, pois conforme Durkheim (2006), os fatos que ligam as

peças em sociedade e retiram o individualismo da vida orgânica, demonstram uma pressão social em cima desses indivíduos para estarem conectados em sociedade, sendo neste caso, virtualmente. Assim, a ideia que elas são absorvidas por esse gigante mecanismo social de interação e controle em tempo real, sem limites de distância, nos remete analogicamente ao pensamento de Durkheim, em sua obra “As regras do método sociológico”.

Por óbvio que, diante desse cenário, nossos alunos da educação básica fazem parte de uma geração que já nasce conectada com seus aparelhos digitais, tornando a tarefa de ministrar aula um desafio, pois os conceitos de sala de aula e sua metodologia vêm se mantendo estáticos desde a educação fornecida pela igreja no século XV, onde salas fechadas, fileiras, lousas e o professor como centro do conhecimento, não condizem com a mudança que a sociedade ao longo desses séculos, especialmente no século XX e XXI com o advento da tecnologia, trazem. Assim, o docente precisa se adequar e aprender não só sobre as novas tecnologias que são criadas constantemente, mas também entender como funciona esse universo digital, seus signos, a utilização e importância que os jovens dão a esse sistema e relacionar as redes sociais, ferramentas digitais e o ensino de filosofia aos parâmetros que os alunos possam entender, refletir e trabalhar, para o docente não estar fadado ao fracasso no processo de ensino/aprendizagem.

Conforme Silva (2006, p .01) o homem, vive uma revolução do conhecimento, já que essa sociedade está vivendo uma modificação em razão dessa atividade, pois toda a vida pessoal e profissional desse indivíduo está sendo modificada pelas tecnologias. Assim, o indivíduo é ser ativo e passivo nesse processo modificativo, denominando a sociedade como “pós-industrial” ou “informacional”, vendo que a sociedade está enquadrada em uma “era da informação”.

Kensky (2010) afirma que não existe mais espaço para a escola tradicional, onde professores e alunos seguem um protocolo de expositor e receptor, respectivamente, já que a educação, hoje, é vista como um processo flexível, aberto e não-linear.

É importante compreender que a escola atual e os profissionais não estão preparados plenamente para esses alunos digitais, sendo que essa instituição está suprimindo as tendências naturais dessa geração, deixando de aproveitar suas potencialidades em prol de uma educação eficiente e motivante.

Estamos a construir uma tecnologia que pega na magia da Kodak, mistura imagens e movimentos com som, permite espaços para comentários e a oportunidade de espalhar criatividade por todo lado. Mas estamos a criar as leis que limitam essa tecnologia (LESSING, 2005, p. 247)

Graças à escola que o indivíduo por fortalecer suas convicções individuais e construir seu próprio ser, moldá-lo conforme a intervenção social, emergir novos sentimentos e trazer uma solidificação ética e social. Conforme Semprini (1999, p.46), a educação “tem igualmente a missão de conduzir a pessoa ao pleno amadurecimento de suas capacidades”. Em virtude disso, a escola deve ser tomada como centro dessas relações. Ainda conforme o mesmo autor, a escola traz a liberdade do ser, sendo que liberar-se das ligas sociais ocasionaria a liberação de sua mente e evoluiria, assim, o homem a uma instância livre e responsável.

Daí nos perguntamos: mas como fica a questão cultural do indivíduo em ambientes virtuais? Isso nos traz uma análise um pouco mais apurada, pois se colocamos que esse convívio interpessoal é necessário para o convívio em sociedade, a natureza da comunicação e da interação social através da internet também modificaria o indivíduo, pois como dissemos, a ruptura geográfica permite com que aprendamos novas culturas e conheçamos novas realidades sobre um prisma totalmente diferente. Dessa forma, podemos nos direcionar aos pensamentos de Cuche, o qual diz que a cultura “se revela o instrumento adequado para acabar com as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. A natureza humana, no homem, é inteiramente interpretada pela cultura.” (CUCHE, 2002, p.10)

Conforme Castells (2003), a internet é uma criação cultural, pois todos os sistemas tecnológicos presentes até aqui são frutos da construção humana, sendo que a internet, por fim, também construiu o meio em que vivemos. A criação da internet foi feita com os códigos que era necessários aos primeiros construtores, ou seja, devemos analisar que a necessidade e possibilidade devem andar juntas, inclusive para atender aos anseios que a sociedade espera, pois como tudo que é objeto de criação em determinado espaço de tempo, ele se adequa as questões culturais.

Laraia (2004) nos ensina que a cultura traz um conjunto de valores e diretrizes ideológicas que determinando o comportamento do indivíduo. A repetição de determinados fatos que ocorrem traz nas organizações a necessidade de se adaptar a elas, pois isso formará um conjunto muito rico de sinais pelos quais entenderemos a sociedade.

Ainda, segundo Castells (2003) podemos analisar que a internet nada mais é do que o reflexo cultural e ideológico que vem se formando perante a sociedade moderna, já que a internet e os meios de comunicação acabam se transformando, obrigatoriamente, para atender aos anseios que a mudança traz.

Podemos e devemos nos questionar sobre a necessidade que temos de estar conectados em meio ao mundo virtual de forma tão constante e inevitável. Muito mais do que estar conectado ao mundo virtual é transformar nosso próprio mundo em algo dependente de tecnologia em todos os aspectos. Desde quando acordamos pela manhã, deixamos de utilizar o despertador para utilização do celular, a leitura inicial do dia que se dava com o jornal passou a ser feita através de páginas da web e com possibilidade de interação imediata com outras pessoas em razão de comentários através das redes sociais. Isso somente no período inicial do dia.

O conceito de hipertexto veio com o intuito de aproximar as relações científicas de todos do meio, resultando em uma evolução mais acentuada sobre as pesquisas que estavam sendo feitas à época. Porém, a questão do hipertexto e do hiperlink foram se distorcendo durante o tempo quando a população começou a ter acesso aos conteúdos digitais dos mais variados tipos.

Conforme Probst, Raub e Romhardt (2002), a propagação do conhecimento na sociedade é necessária para modificar informações ou experiências que estão fixas em algo que toda a sociedade poderá usar. Assim, a primeira condição para essa propagação é a formatação de sua existência. Fica claro que não há a necessidade de propagação de todo o conhecimento para a sociedade, pois devemos analisar até que ponto essas informações devem ser propagadas para a sociedade com a devida estratégia, amplitude da disseminação deve estar em acordo com a estratégia organizacional, com as políticas de pessoas, com o modelo de estrutura da empresa e com a tecnologia existente.

Mesmo sem a possibilidade de conexão como existe hoje, a grande massa tende a procurar o que mais lhe agrada. A indústria cultural tomou conta não só dos meios de comunicação convencionais, mas também dos meios digitais, fazendo com que a população fique à mercê de sua própria ignorância. Adorno e Horkheimer traduzem bem essa situação quando dizem que

O entretenimento e os elementos da indústria cultural já existiam muito tempo antes dela. Agora, são tirados do alto e nivelados à altura dos tempos atuais. A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitiço das mercadorias. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947,p.63/64)

Podemos notar que a internet é um aglomerado de situações que fizeram com que o indivíduo perdesse sua capacidade de autocrítica, fazendo com que fosse desmotivado a cada dia a não mais procurar a verdade.

A tendência à falsa projecção é tão fatalmente inerente ao espírito que ela, esquema isolado da autoconservação, ameaça dominar tudo o que vai além dela: a cultura. A falsa projecção é o usurpador do reino da liberdade e da cultura; a paranóia é o sintoma do indivíduo semicultivado. Para ele, todas as palavras convertem-se num sistema alucinatório, na tentativa de tomar posse pelo espírito de tudo aquilo que sua experiência não alcança, de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido, mas ao mesmo tempo se transformam também na tentativa de difamar o espírito e a experiência de que está excluído e de imputar-lhes a culpa que, na verdade, é da sociedade que o exclui do espírito e da experiência. Uma semicultura que, por oposição à simples incultura, hipostasia o saber limitado como verdade não pode mais suportar a ruptura entre o interior e o exterior, o destino individual é a lei social, a manifestação e a essência. (ADORNO; HORKHEIMER, 1947,p.92)

Ainda, Thompson traz uma definição interessante quanto ao tema de comunicação e massa.

Assim, se o termo “massa” deve ser utilizado, não se pode, porém, reduzi-lo a uma questão de quantidade. O que importa na comunicação de massa não está na quantidade de indivíduos que recebe os produtos, mas no fato de que esses produtos estão disponíveis em princípio para uma grande pluralidade de destinatários. (THOMPSON, 1998, p. 30).

Muito mais do que procurar os meios ilógicos e nefastos para os prazeres das pessoas, vemos uma nova realidade que nos sugou de forma agressiva. Essa questão gira em torno dos outros meios de comunicação. Deixamos de usar os serviços de correspondência convencionais para utilizar outros mais sofisticados, como os pagers, aparelhos que eram usados por profissionais para receber alertas de quando uma pessoa queria conversar com elas, vindo posteriormente de forma mais popular os computadores com seus e-mail e comunicadores instantâneos e os celulares com seus aplicativos, sendo o mais famoso denominado whatsapp.

O problema surge quando vemos que o mero ato de comunicação necessária vem se tornando um problema de grandes proporções quando esse aplicativo é usado de forma errônea. Sua possibilidade de comunicação instantânea, não só por mensagens, mas pelo envio de qualquer arquivo de mídia torna o aplicativo uma arma perigosa de ser manejada, pois traz perigosos malefícios para toda a sociedade.

Esta é uma imagem associada a algumas das primeiras críticas referentes à “cultura de massa” e a “sociedade de massa”, críticas que geralmente pressupunham que o desenvolvimento da comunicação de massa tinha um grande impacto negativo na vida social moderna, criando um tipo de cultura homogênea e branda, que diverte sem desafiar, que prende a atenção sem ocupar as faculdades críticas, que proporciona gratificação imediata sem questionar os fundamentos dessa gratificação. (...) Devemos abandonar a ideia de que os destinatários dos produtos da mídia são espectadores passivos cujos sentidos foram permanentemente embotados pela contínua recepção de mensagens similares. Devemos também descartar a suposição de que a recepção em si mesma seja um processo sem problemas, acrítico, e que os produtos são absorvidos pelos indivíduos como uma esponja absorve água. (THOMPSON, 1998, p.31)

É óbvio que a própria questão cronológica da sociedade impõe e imporá cada vez mais avanços tecnológicos, significando que podemos ir além das nossas tecnologias atuais. Sua principal origem se refere ao benefício mundial para que a evolução venha cada vez mais rápido.

No entanto, podemos fazer outra discussão que nos traz um ponto a ser arguido: Será que estamos preparados para “aguentar” toda essa inovação tecnológica? Será que temos o discernimento de separar os meios de distração oferecidos pelos conteúdos necessários para um bom desenvolvimento intelectual?

Assim, o homem é uma conclusão do meio cultural em que está engajado, um verdadeira construção social que ergue seu pilar através de características históricas que vêm através de um longo processo, podendo assim traçar a relação entre cultura e educação, as quais são passadas de uma pessoa para outra. Conforme Forquin:

Quer se tome a palavra ‘educação’ no sentido amplo, de formação e socialização do indivíduo, quer se a restrinja unicamente ao domínio escolar, é necessário reconhecer que, se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também, necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de ‘conteúdo’ da educação. Devido ao fato de que este conteúdo parece irreduzível ao que há de particular e de contingente na experiência subjetiva ou intersubjetiva imediata, constituindo antes, a moldura, o suporte e a forma de toda experiência individual possível, devido, então, a que este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome de cultura. (FORQUIN, 1993,p.10)

Mesmo em âmbito mundial, a docência está dando os primeiros passos para aliar a tecnologia à sala de aula justamente por não ser mais a única via de propagação da cultura.

Vemos que a televisão deixou de ser o único meio concorrente de transmissão de “cultura” e trazemos a tona nossas tecnologias, mais modernas e avançadas sobre a transmissão de dados, cada vez mais rápida.

Tendo esse grande desconforto quando a mudanças de rumo que as novas gerações tender a ter, professores não podem mais se basear em metodologias antigas e técnicas defasadas. Os livros deixaram de ser algo primordial e o velho giz e quadro negro fazem parte do passado. Mas devemos analisar que o uso da tecnologia não pode ser somente um simples ato de reprodução digital do que já era disponibilizado no passado. Expor, por exemplo, em uma lousa digital um texto com figuras, tal qual existia nos livros impressos, demonstraria somente a falta de aptidão em lidar com esses novos meios de comunicações educacional.

Taylor (1980) classifica os software educativos em tutor (o software que instrue o aluno), tutorado (software que permite o aluno instruir o computador) e ferramenta (software com o qual o aluno manipula a informação). Assim, o tutor equivale aos programas do polo onde o computador ensina o aluno. Os software do tipo tutorado e ferramenta equivalem aos programas do polo onde o aluno "ensina" o computador.

Schmitt et al.(2008), demonstrou em estudo realizado no mercado no Brasil que além de todas as ferramentas que necessitamos para a educação a distância, temos que analisar o relacionamento, mesmo que virtual, da faculdade ou universidade, deve ser transparente, demonstrando sua organização e responsabilidade com a educação. Todos esses fatores também são decisivos para se ter uma educação de qualidade e uma experiência de excelência na educação a distância.

Ainda em vigor no Brasil, o Instituto Universal Brasileiro, empresa sediada no Rio de Janeiro e muito famosa na década de 90 por oferecer cursos a distância através de correspondência, ainda mantém sua metodologia com apostilados e provas via correios, mas com tutoria online. Ou seja, ainda na contramão da tecnologia, oferece materiais impressos.

Falando-se de tecnologias, não podemos descartar que isso é uma técnica, um meio pelo qual a transmissão do conhecimento se dá. Colocar que o ensino por correspondência nos dias de hoje é não considerado tecnologia é o mesmo que falar que antigamente também não era.

Existem muitas pessoas que ainda fazem questão de realizar uma leitura através de um jornal, revista, livros, todos impressos, pois não conseguem ou não se sentem bem utilizando computadores, celulares ou tablets para isso. Assim, é totalmente válida a proposta da já conceituada empresa educacional, mesmo sendo considerado ultrapassado pela atual geração.

Um dos pontos importantes é que a questão digital, para a grande maioria dos alunos, é corriqueira e de fácil acesso e entendimento. Mas quando falamos dos professores? Se que todos estão a par dos acontecimentos tecnológicos para acrescentar em suas aulas a possibilidade do uso da tecnologia para sua aula ficar mais atraente para um público tão conectado? Conforme Moran (2000), pensando nessa questão, não somente o professor deve estar ligado as novas tecnologias e meios de comunicação, mas também a escola, como um todo, deve se adequar aos novos costumes, pois o foco principal de uma escola são seus alunos, já que sem eles, não há escola.

Essa constatação faz com que hoje, o professor precise estar preparado para realizar seu trabalho com competência, consciente de que vivemos em um mundo onde diversos meios podem levar ao raciocínio e ao conhecimento e de que a aprendizagem pode acontecer de várias maneiras, além da tradicional aula expositiva. O uso crescente dos meios audiovisuais e da tecnologia em geral na sociedade diversificou as estratégias de aprendizagem informal. Além disso, há um grande volume de informação que circula com muita rapidez e através de múltiplos meios. (SAMPAIO; LEITE, 1999, p.10)

Conforme Lévy (1993), no decorrer dos anos, dentro de um contexto histórico de evolução a partir da roda até as mais complexas ferramentas digitais da atualidade, tais tecnologias fazem com que transformações sejam apreciadas nas relações entre os indivíduos, principalmente nos modos com que interagem e se comunicam, fazendo com que essas questões sejam cada vez mais intrincadas. Assim como elencado neste trabalho, os meios de comunicação vêm sofrendo transformações gritantes no decorrer da história, em especial neste momento que a tecnologia transforma tudo rapidamente.

A educação tem papel fundamental para o amplo acesso ao conhecimento, produção de conteúdo de qualidade, interativo e intuitivo, para formar cidadãos prontos para a vida em sociedade, os quais devem ser formados por preceitos éticos com a finalidade de não serem prejudicados no seio da sociedade moderna. Para isso, o professor é responsável por essa formação e deve, obrigatoriamente, utilizar essa nova linguagem, pois, afinal, essa tecnologia nada mais é do que uma criação humana, dotada de signos de linguagem que nada mais são do que o reflexo da sociedade moderna. Assim, o professor deve se enfatizar tecnologicamente para esse novo ambiente sob pena de falhar em seu principal objetivo. (SAMPAIO; LEITE, 1999)

Por esse prisma, a educação digital, mais especificamente a online, obriga um novo conceito de metodologia, ou seja, com mais especificidade, pois a colaboração ativa na era online é importante, pois o aluno não estará mais condicionado ao estudo solitário em sua

casa, podendo interagir com outras pessoas e aprender de maneira colaborativa. Porém, não é só o professor que precisa de adequar a esse novo tipo de tecnologia para ela finalidade; o aluno, por mais que ele esteja familiarizado com todas as tecnologias, ele também deve aprender como lidar com a internet, o online, para se valer das ferramentas educacionais (FONSECA; FONSECA, 2006).

Ser capacitados e aperfeiçoados continuamente nessa nova área de prática educativa. Não se faz isto de um dia para o outro. É algo que a sociedade vai precisar promover por muitos anos. O desafio é imenso. Por isso é preciso olhar com certa desconfiança algumas iniciativas que tratam a educação on-line como se fosse ou apenas outra maneira de se fazer educação a distância convencional, ou apenas a mera transposição da velha sala de aula para o mundo virtual. Especialmente aquelas iniciativas que pensam ser isto uma questão de se desenvolver apenas o hardware, a conectividade ou o software especializados para educação a distância via web. Muitos recursos vêm sendo investidos nesses elementos - e é realmente importante que continuem sendo investidos. Mas estes não representam nem todo o investimento necessário nem o mais importante. O momento atual exige investimentos pesados em peopleware, isto é, em recursos humanos para a educação on-line. Esta é a maior limitação enfrentada hoje no desenvolvimento de programas de educação on-line, no Brasil e no mundo. (AZEVEDO, 2007, p. 57).

Sobre as novas atribuições pedagógicas do docente, podemos analisar que ele terá novas funções e novos desafios nesse processo de ensino/aprendizagem, pois o aprendizado completo e seu manuseio de forma responsável, poderá o docente preparar materiais significativos para os alunos com o quais interage, melhorando significativamente sua prática e assim, como resultado, atingir o aluno com mais afinco (ALMEIDA, 2000).

professor agora é o mediador e como tal precisa ser pesquisador, integrador, comunicador, questionador, criativo, colaborador, eficiente, flexível, gerador de conhecimento, atualizado, difusor de informação e comprometido com as mudanças deste novo período histórico. (HARGREAVES, 2004,p.60)

Assim, hoje, o professor deixou de ser aquele que ensina para aqueles não conhecem ou não entenderam a questão, mas sim ser o mediador entre o conhecimento e o aluno, sendo que os novos meios tecnológicos vem para auxiliar nesse novo conceito de educação.

Em razão da constante utilização da internet e redes sociais, virando uma rotina de vida de nossos alunos, trazemos a necessidade de se trabalhar com as redes sociais na educação de filosofia, com o intuito de desenvolver o senso crítico dos alunos acerca dos

conteúdos vistos e discutidos na rede mundial de computadores, além de sincronizar essas atividades com a matéria de filosofia apresentada em ambiente escolar.

3.5.1. Da aprendizagem pelo virtual

Quando falamos do processo de aprendizagem, devemos notar que agora a situação está em paridade com professores e alunos, visto que enquanto os alunos precisam aprender as competências ministradas pelo docente, este precisa adquirir propriedade nos signos da linguagem digital para entender o conceito de comunicação e absorção por partes dos alunos. Assim, conforme Demo (2004, p. 60), a aprendizagem é um “processo dinâmico, complexo não linear, de teor autopoético, hermenêutico, tipicamente interpretativo, fundado na condição de sujeito que participa desconstruindo e reconstruindo conhecimento.”.

Podemos entender que a aprendizagem nessa questão é algo complexo, pois há a necessidade de se aprender uma nova linguagem para se comunicar de forma efetiva com os alunos. Enquanto as crianças são alfabetizadas para entender a língua materna, elas, unilateralmente e concomitantemente, aprendem a linguagem digital, pois já estão conectadas com tablets e smartphones cada vez mais cedo, entendendo as linguagens de lógica e intuitividade nos meios eletrônicos.

[...] múltiplas são as agências que apresentam informações e conhecimentos a que se pode ter acesso, sem a obrigatoriedade de deslocamentos físicos a te as instituições tradicionais de ensino para a aprender. Escolas virtuais oferecem vários tipos de ensinamento online, além das inúmeras possibilidades de se estar informado, a partir das interações com todos os tipos de tecnologias midiáticas (KENSKY, 2010, p. 60)

Porém, devemos colocar que não basta apenas aplicar as tecnologias em sala de aula, mas também entender como elas funcionam e precisam ser trabalhadas de maneira efetiva para atingir o público alvo que são os alunos. Para tanto, a educação virtual, em conjunto com a presencial, traz benefícios aos discentes, pois “podem ajudar a superar e romper algumas formas de exclusão [...] Uma delas é que a EAD surge rompendo a barreira do tempo.”. (BARROS; CARVALHO, 2011)

Lévy traz conceituações bastante intimas no que tange as relações digitais e virtuais na ótica moderna, sendo que para o autor, temos um grande problema em relacionar a questão de virtual com a realidade. Para ele, tomar que o virtual é aquilo que somente está na internet é equivocado, pois isso afetaria tantos outros conceitos de comunicação (LÉVY, 1993).

Se a expectativa de se analisar o virtual como simplesmente o computador, estamos enganados, pois a tecnologia traz valores de excelência no relacionamento dessa técnica.

Mas quando colocamos de um lado as coisas e as técnicas e do outro os homens, a linguagem, os símbolos, os valores, a cultura ou o "mundo da vida", então o pensamento começa a resvalar. Uma vez mais, reificamos uma diferença de ponta de vista em uma fronteira separando as próprias coisas. Uma entidade pode ser ao mesmo tempo objeto da experiência e fonte instituinte, em particular se diz respeito à técnica. (LÉVY, 1993, p. 8)

Como podemos observar, a linguagem não é uma coisa que veio simplesmente com o computador, mais sim com a própria evolução do ser humano. Transpor essas ideias reluz a necessidade de reavaliar o que seria realmente a possibilidade de ensinar de forma virtual. A tecnologia nos traz grandes avanços para expor todo o tipo de conteúdo, em foco, os educacionais. Mas muitos ainda avaliam a educação a distância como simples meio virtual de aprendizagem, sem valor e significado.

O cúmulo da cegueira é atingido quando as antigas técnicas são declaradas culturais e impregnadas de valores, enquanto que as novas são denunciadas como bárbaras e contrárias à vida.

Alguém que condena a informática não pensaria nunca em criticar a impressão e menos ainda a escrita. Isto porque a impressão e a escrita (que são técnicas!) o constituem em demasia para que ele pense em apontá-las como estrangeiras. Não percebe que sua maneira de pensar, de comunicar-se com seus semelhantes, e mesmo de acreditar em Deus (como veremos mais adiante neste livro) são condicionadas por processos materiais. (LÉVY, 1993, p. 9)

Conforme Lévy (1993), essas mudanças técnicas podem desestabilizar o antigo equilíbrio dessas forças e representações, pois essas estratégias inovadoras trariam conjuntos de oportunidades possíveis. Vários indivíduos trazendo novos conceitos para si mesmos e para outras pessoas, como a inclusão de novas culturas, morais e valores. Nessa questão, tal mudança não visa o pleno esquecimento das metodologias passadas, mas sim a inclusão de das antigas com as novas.

Os atores da comunicação produzem portanto continuamente o universo de sentido que os une ou que os separa. Ora, a mesma operação de construção do contexto se repete na escala de uma micropolítica interna às mensagens. Desta vez, os jogadores não são mais pessoas, mas sim elementos de representação. Se o assunto em questão é, por exemplo, comunicação verbal,

a interação das palavras constrói redes de significação transitórias na mente de um ouvinte. (LÉVY, 1993, p. 14)

Com a questão apreciada, cada palavra é transformada em um determinado sentido para a nossa apreciação o que contribui para moldar e remoldar nossa própria linguagem. Quando falamos (verbalmente) ou relatamos uma determinada situação, nossa interpretação pode facilmente colocar aquela situação em mente e assim podemos materializar a cena relatada. O que nos permite realizar tal questão são os signos da linguagem. De maneira mais ampla, o caminho para a ativação é percorrido por várias conexões e associadas com questões que já vivenciamos através da experiência. Assim, usamos todos os nossos meios sensoriais para decifrar e processar as informações recebidas. É a mesma coisa que ver uma foto de algum determinado alimento pelo computador; isso ativará várias conexões, demonstrando fome, sabor, vontade, entre outros.

Porque pensar em algo reflete um determinado tipo de linguagem? Será que nosso pensamento é virtual e somente quando expomos esse pensamento esse se torna concreto no meio, ou ele já é concreto no meio quando nós pensamos? Se fizermos uma análise um pouco mais apurada, podemos perceber que se pensamos, já somos dotados de determinados signos de linguagem que nos permitem pensar em algo através de nossas relações com o meio, o qual nos molda. Assim, poderíamos nos ater ao fato que o simples ato de pensar já faz com que várias outras conexões sejam feitas não só com o próprio indivíduo, mas com todos que estão a sua volta.

Colocamos que o conceito de aula não é fixo e nem perfeito, sendo necessário mudar sua estrutura não só a cada geração, mas sim a cada indivíduo e grupo que se trabalha, pois a pluralidade de pensamentos e opiniões traz potencialidades e necessidades, razão pela qual o docente precisa estar atento a esse relacionamento e entender suas estruturas para trabalhar de forma efetiva, principalmente no ambiente virtual. Conforme (BARROS; CARVALHO, 2011)

O fato de as pessoas poderem expor seus trabalhos na internet e receber comentários sobre eles; de produzir textos colaborativamente, de participar de comunidades virtuais que oportunizam participação por temas de interesse, de discussões virtuais, de comunicação instantânea, de espaços para divulgação individual e coletiva, corroboram com as idéias do autor supracitado, e permite acrescentar que as NTICs surgem como suporte para a EAD apresentar uma proposta de integração, potencializada por meio de diversos dispositivos disponíveis, atualmente.

Notamos que as crianças possuem uma capacidade incrível de fazer várias coisas ao mesmo tempo, especialmente em razão de uma geração conectada com tudo e com todos. Mas temos que perceber que diante de um mundo complexo e intrigante, as crianças prestam atenção e concentram suas atividades naquilo que gostam e que entendem. Assim, Nagoya diz que:

As crianças hoje conseguem fazer mais coisas ao mesmo tempo e a escola precisa aproveitar isso no ensino. E isso confunde a sociedade, muitos dizem 'essas crianças não conseguem prestar atenção em nada', quando na verdade elas prestam atenção em muitas coisas ao mesmo tempo. (NAGOYA, 2012 apud SCOTON; TAVARES, 2014, p. 500)

A questão não se trata de simplesmente colocar a tecnologia na educação, mas sim de utilizá-la de forma correta, relacionada e com significado. Conforme nos ensina Moran:

o poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes.

Ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais de ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode nos ajudar a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e aprender. (MORAN, 2000, p. 63)

É fato que o professor é o mediador entre o conhecimento e o aluno, mas temos um grande problema de atingir esse aluno que está ligado fortemente com os meios digitais de entretenimento, razão pela qual a interação entre os meios de comunicação e a educação devem prevalecer para solidificar o conhecimento. (LIBÂNEO, 2004)

3.5.2. Das redes sociais e Ferramentas Digitais: *Facebook* e *Google Docs*

O uso das redes sociais, universo paralelo ao mundo real, mas significativamente real no espaço/tempo dos jovens, acaba sendo um meio significativo para estar mais próximo deles, já que suas conectividades estão intrinsecamente ligadas com o mundo real, discutindo-se, às vezes, qual seria o mundo que os alunos estão vivendo mais. Conforme Fernandes (2011, p. 1) o Facebook é uma rede social com participação em massa em razão do número de membros registrados que agirão de forma homogênea e consistente, onde laços emocionais são formados e vinculam ainda mais as pessoas.

Isso porque a internet veio para trazer mudanças profundas na educação, já que as tecnologias envolvidas nesse ambiente permitem uma nova visão da escola, do espaço e aprendizagem, já que a comunicação em tempo real com outras pessoas sem os problemas de distância, são quebrados por ela. Diante desse desenvolvimento célere, a acessibilidade a essas tecnologias torna a relação das pessoas mais versátil e intuitiva (MORAN, 1994). As redes sociais trazem ao docente a possibilidade de se aproximar de seus alunos de forma mais efetiva, já que, como dito anteriormente, esse novo mundo é habitado por eles de forma efetiva.

Podemos definir as redes sociais como uma representação pessoal ou profissional que envolve as mais variadas pessoas e comunidades, sendo que através dela podemos compartilhar dados, ideias, opiniões, sendo elas convergentes ou divergentes, formando a convicção dos indivíduos sobre determinados temas (LORENZO, 2011). No mesmo sentido, Recuero (2009) define as redes sociais como uma estrutura sólida, onde coloca as conexões e os laços sociais de forma complexa e através do conjunto de interações simbólicas e estruturais dos indivíduos.

Ainda sobre a potencialidade da internet, o termo “virtual” é usado como algo irreal ou imaterial, sendo que em sua análise filosófica, temos uma outra concepção que condiz com a perspectiva do problema

Na acepção filosófica, é virtual aquilo que existe apenas em potência e não em ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. [...] No sentido filosófico, o virtual é obviamente uma dimensão muito importante da realidade. Mas no uso corrente, a palavra virtual é muitas vezes empregada para significar a irrealidade -enquanto a "realidade" pressupõe uma efetivação material, uma presença tangível. (LÉVY, 2010, p. 49)

Vale destacar que a utilização correta do *Facebook* como ferramenta de ensino traz a possibilidade de o professor continuar como mediador das informações colocadas nas redes públicas, fazendo com que os alunos analisem de forma crítica e reflexiva o tema exposto. Ainda, colocamos que a administração dos conteúdos científicos se traduz em continuidade com a aula presencial. Mattar (2013, p. 118) traz a ideia de desconfiguração do espaço físico e demonstra as possibilidades de um novo tipo de reunião que se dá através de grupos criados no *Facebook*, em que recursos interativos são usados na educação, já que as possibilidades de interação e compartilhamento de conteúdos resulta em um ambiente colaborativo, onde as informações podem ser abertas para o público ou fechadas para um determinado grupo, assim

como seus pensamentos, críticas e bases. Além disso, através das notificações, os membros do grupo podem acessar em tempo real as informações prestadas na rede social e estar a par de todos os acontecimentos daquele grupo. (MATTAR, 2013, p. 118).

Com essa informação em mãos, o professor precisa deixar de se considerar um “emissor do saber” e se tornar um mediador do conhecimento. Ele passa a ser um elemento tão necessário quando o aluno, a informação e o dispositivo utilizado. Ou seja, há uma descentralização do discurso por meio de uma dinâmica da informação que se caracteriza também, pela multiplicidade de direções.

E ainda das múltiplas maneiras que o mesmo assunto pode ser tratado, fazendo com que por meio da rede se estabeleça uma cibercultura recombinante caracterizada pela velocidade que as informações circulam. (PORTO; NETO, 2014, p. 146).

Desta forma, o docente precisa se atentar para não reproduzir a mesma metodologia no ambiente virtual que aplica no físico, já que as possibilidades são superiores a aplicação de recursos presenciais, fazendo com que a criatividade do docente floresça, trazendo um ambiente rico em detalhes para intensificar o processo de ensino/aprendizagem.

Colocando sobre o prisma educacional, as redes sociais trazem novas experiências aos seus usuários, sendo que Mattar (2013, p. 27) determina que as “redes sociais são associações entre pessoas conectadas por diversos motivos, em que as pessoas são afetadas pelas próprias conexões com outras pessoas”.

Ainda, conforme Vives (2011, p. 15), as conexões estabelecidas por essas redes sociais são feitas de forma dinâmica, já que essas ligações são de caráter globalizado, impondo a necessidade humana a essas conexões entre os indivíduos para aprimorar os relacionamentos. Desta forma, a utilização das redes sociais são fatores decisivos para aprimorarmos a relação entre professores e alunos. Corroborando com essa visão, Mattar (2013, p. 115) que a rede social é “um canal de comunicação mais aberto, resultando em ambientes de aprendizagem mais ricos e maior envolvimento dos alunos nos processos de escolarização”.

3.5.2.1. *Facebook*

Com as figurações estabelecidas, trazemos o grupo feito no *Facebook*, sendo ele fechado, onde informações gerais aos alunos e atividades são colocadas.

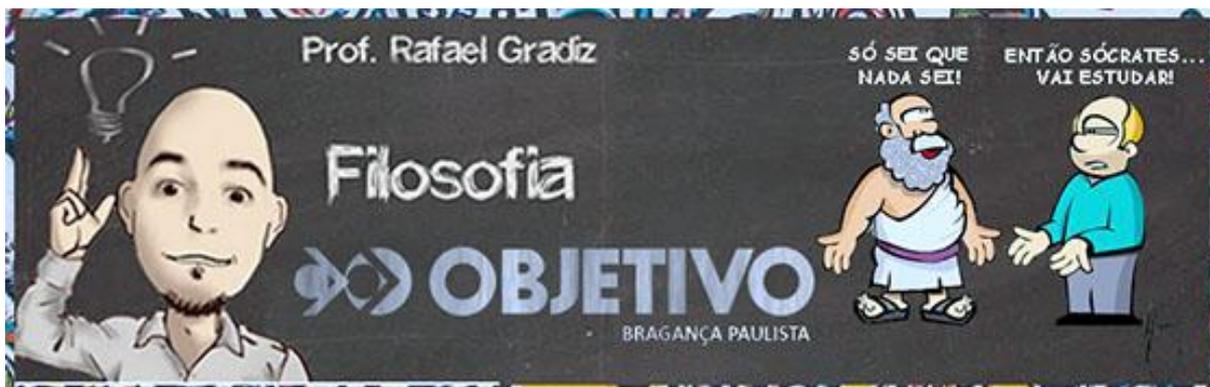
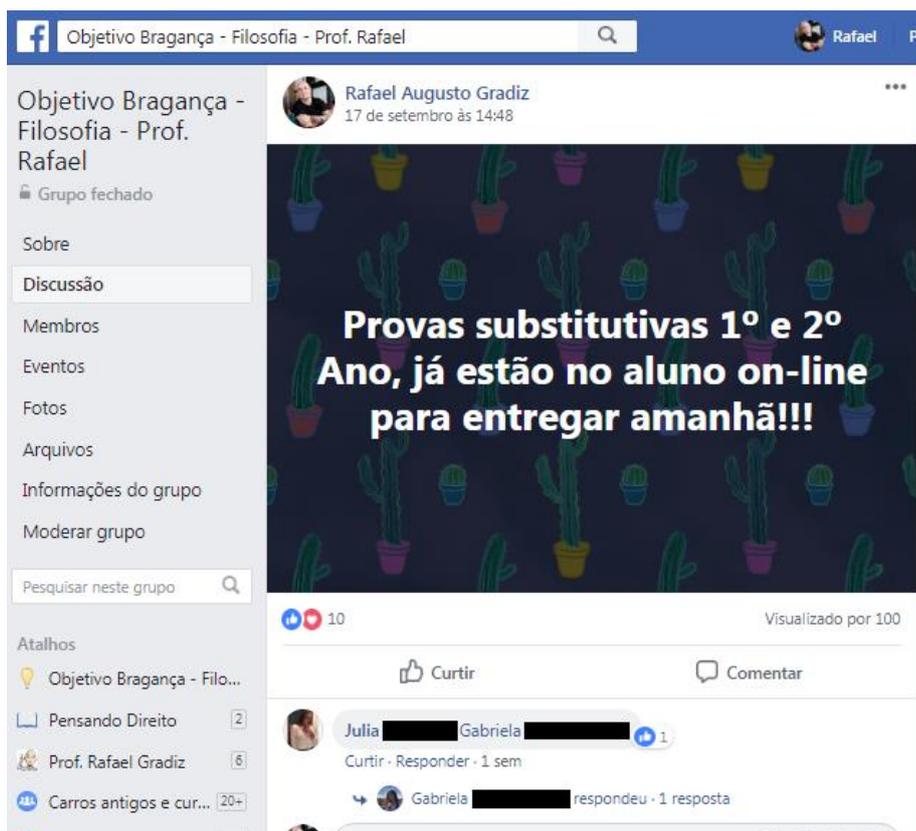


Imagem 1.
Acervo pessoal do autor.

Consta que os colégios particulares possuem um sistema onde os alunos podem ver suas notas, acessar os conteúdos postados pelos professores e analisar a matriz das provas após realizá-las em sala de aula. Porém, notou-se que os alunos visualizam muito mais as notificações do Facebook, pois não têm o costume de ficar acessando o “Aluno Online” da escola. Desta forma, as postagens de recados, materiais e questionamentos atingem muito melhor essa comunidade digital.

Abaixo, podemos verificar um comunicado de avaliações substitutivas onde os alunos faltaram em um determinado dia de prova. As provas são colocadas no Aluno Online da instituição particular para que os alunos tenham acesso a essa avaliação perdida. Mesmo sendo comunicado em sala de aula, alguns alunos que já perderam a avaliação, por vezes, faltam no dia do aviso, ficando sem a possibilidade de realizar a prova.

Assim, no grupo do *Facebook*, o qual é fechado, é colocada a informação e várias pessoas acabam visualizando, tanto que podemos verificar que uma aluna acaba “marcando” outra aluna sobre o recado, reforçando a importância do mesmo. (Os nomes estão tarjados para garantir a identidade dos alunos), deixando apenas os primeiros nomes.



Os *posts* de discussão não foram colocados neste trabalho em razão do tamanho, mas podemos dizer que um determinado tema, em consonância com a realidade que cerca os alunos, é colocado em pauta, sendo que os discentes devem discorrer abertamente sobre o tema no grupo relacionando-o com as matérias ministradas em aula e fora dela através do ambiente virtual.

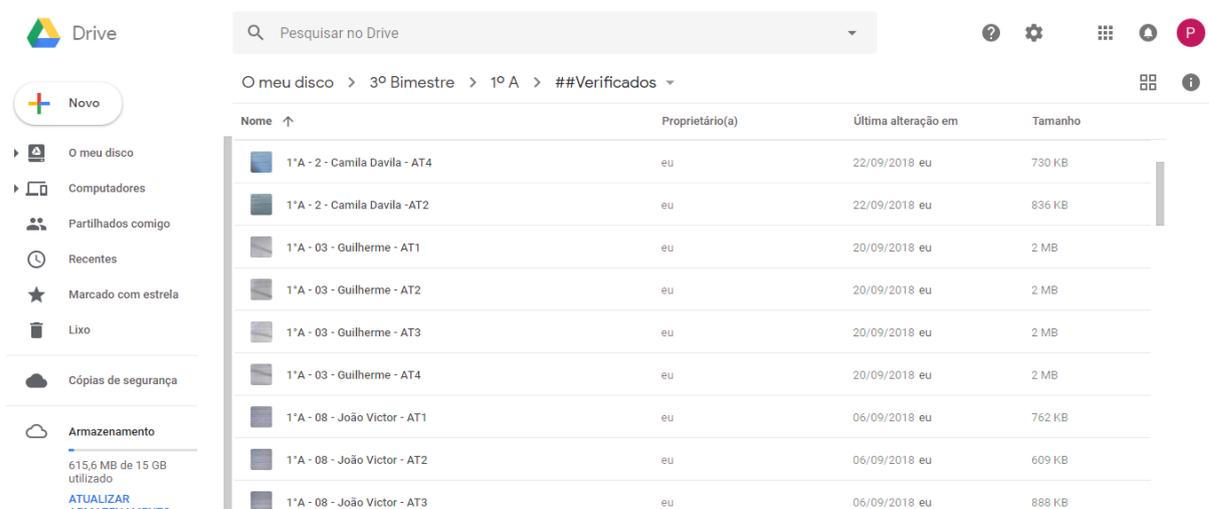
Isso possibilita ao professor avaliar o que os alunos estão aprendendo, além de mediar os debates e discussões, trazendo novos conteúdos, novos questionamentos a fim de proporcionar um maior senso crítico dos alunos que não só aprendem como também ensinam, já que produzem ideias críticas.

3.5.2.2. Google Drive e Google Docs

As postagens no Google Drive foram pensadas em primeiro momento para acabar com a quantidade significativa de folhas que o professor tinha que levar para a casa. Entretanto, foi uma solução que trouxe novas ideias para se trabalhar com os alunos.

Nessa questão, os discentes respondem a questionários com perguntas objetivas e subjetivas que são denominadas de ATs. Após fazer em seu caderno, o aluno coloca seu nome, número de série na folha, tira foto e posta no Google Drive.

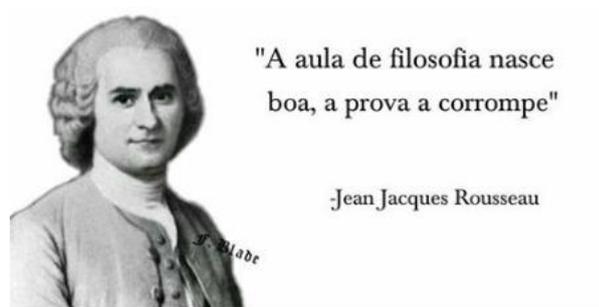
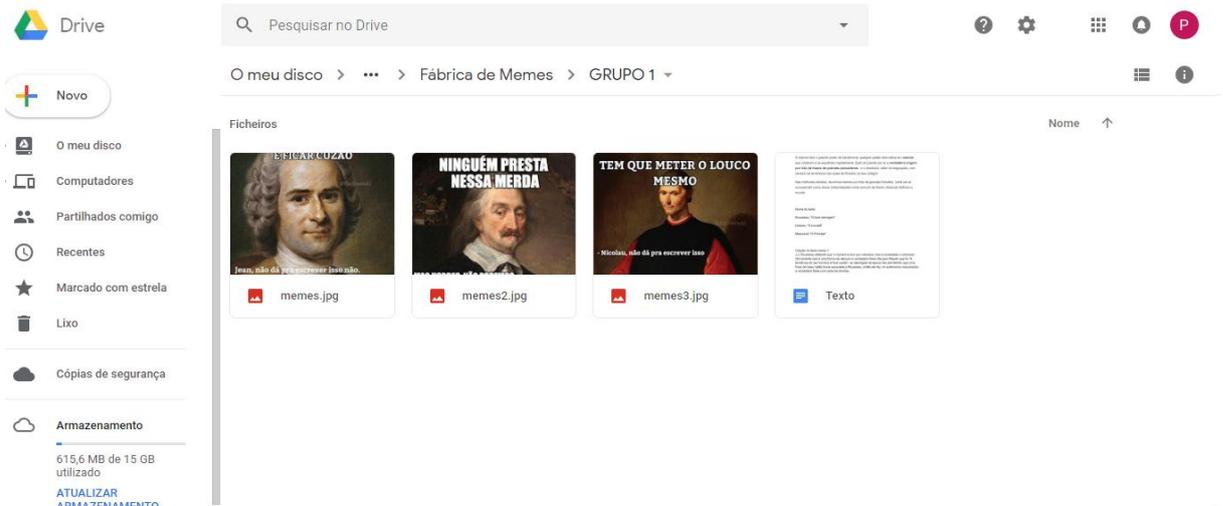
O professor acabou fazendo uma única conta para todos os alunos colocarem em seus celulares e computadores, ficando mais fácil a postagem. Nota-se que a formatação do nome do arquivo era de suma importância para organizar as atividades. Assim, na pasta do Google Drive foi colocada a pasta do “3º Bimestre”, onde existem cinco salas. No exemplo abaixo, podemos verificar que a pasta correspondente é a da turma do 1º A, onde os alunos fizeram o upload das atividades feitas no caderno, podendo o professor ver também a data em que foi postada, evitando postagens fora do prazo.



Nome ↑	Proprietário(a)	Última alteração em	Tamanho
1ª - 2 - Camila Davila - AT4	eu	22/09/2018 eu	730 KB
1ª - 2 - Camila Davila - AT2	eu	22/09/2018 eu	836 KB
1ª - 03 - Guilherme - AT1	eu	20/09/2018 eu	2 MB
1ª - 03 - Guilherme - AT2	eu	20/09/2018 eu	2 MB
1ª - 03 - Guilherme - AT3	eu	20/09/2018 eu	2 MB
1ª - 03 - Guilherme - AT4	eu	20/09/2018 eu	2 MB
1ª - 08 - João Victor - AT1	eu	06/09/2018 eu	762 KB
1ª - 08 - João Victor - AT2	eu	06/09/2018 eu	609 KB
1ª - 08 - João Victor - AT3	eu	06/09/2018 eu	888 KB

Em um segundo momento da atividade, foi proposta uma tarefa denominada pelo docente de “Fábrica de Memes”, no qual os alunos teriam que fazer ou procurar na internet figuras com conotações de comédia sobre a matéria ministrada em aula e fora dela.

Neste contexto, a matéria passada aos alunos das primeiras séries do Ensino Médio era sobre Contratualismo, expondo ideias de Hobbes, Locke, Rousseau, Montesquieu e Maquiavel. Foi solicitado que além das postagens das fotos dos memes, os alunos fizessem de forma colaborativa, uma explicação do meme e a real ideia do pensador, sendo que essa atividade foi feita através do Google Docs.



Com isso, os alunos acabam aprendendo de forma divertida e possibilita que outros alunos possam ver suas postagens e considerações escritas sobre a matéria, tornando o Google Drive uma ferramenta benéfica aos alunos para postarem conteúdos e ajudarem os colegas.

Outra ferramenta que auxilia os alunos na matéria de Filosofia é a utilização da agenda sincronizada com a conta do Google. O docente coloca na agenda os dias das provas e demais atividades, sendo que essas informações aparecem por notificação nos celulares e computadores dos alunos conforme o professor deixa marcado.

CONCLUSÃO

A partir do século XX a tecnologia cresceu de forma estrondosa e os meios de comunicação começaram a modificar o modo com que as pessoas viam a informação. Antes, os jornais e revistas eram meios únicos e necessários saber os acontecimentos do dia, vindo posteriormente o rádio e a televisão. Com a chegada da internet aos computadores (desktops) populares em 90, a interação aumentou ainda mais, fazendo com que os mais diversos tipos de notícias estivessem a um clique do computador.

Popularizando os celulares com acesso à internet e suas funções cada vez mais intuitivas, muitos jovens acabaram vendo nessa questão, nesse mundo, uma nova possibilidade de conhecimento, principalmente com a popularização das redes sociais.

Diante do pesquisado, vemos que a educação presencial traz ideias um pouco conturbadas em relação à educação a distância, pois nos perguntamos: o que seria melhor? Quais das duas modalidades podemos falar que é a melhor?

Trazemos diversos pontos positivos e negativos em ambos os casos, sendo que os pontos positivos da educação presencial seriam: tirar dúvidas no mesmo instante; realizar perguntas no meio da aula; interação física com docente e discentes entre outros. Mas traz como ponto negativo a inflexibilidade de horários; a necessidade de ficar sentado em uma carteira por longos períodos, tornando a questão, nos dias de hoje, totalmente antipedagógica; fácil distração; obrigatoriedade de presença, dia após dia; Trânsito para chegar ao local; custos mais elevados com alimentação; entre outros.

A educação pelas redes sociais traz vários benefícios que a educação presencial oferece, como por exemplo, tirar dúvidas com professores por mensagens ou videoconferências; horário extremamente flexível; sem custos de locomoção, perda de tempo em trânsito, materiais extras; interação digital com diversas pessoas, por vezes de outros estados e até de outros países onde a troca de experiências, finalidades e culturas enriquecem o âmbito pessoal e profissional do aluno, entre outros.

Entretanto, vemos uma sociedade cada vez mais interligada nos meios de comunicação digitais, mas nem sempre com bons objetivos, pois a grande maioria das pessoas, em especial, os estudantes, através de redes sociais e aplicativos de mensagem instantânea acabam fazendo uma ruptura do estado de realidade simplesmente porque se esquecem de apreciar o conhecimento.

Ainda, podemos analisar que o lúdico é meio de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos e seus aprendizados. Sem esse método a criança estaria fadada a ficar engessada nos meios virtuais de aprendizagem o que seria um problema, pois a metodologia utilizada é fundamental para um bom desenvolvimento não só cognitivo, mas também físico.

Tal questão é tão evidente que muitos alunos deixam de pesquisar temas em livros ou até mesmo na internet e se dirigem ao mais rápido site para copiar o conteúdo, sendo que muitas vezes nem sabe o que está escrito. Assim, estamos diante de uma vasta possibilidade de conhecimento, mas que não utilizam com clareza e responsabilidade.

Portanto, podemos concluir que a boa utilização das redes sociais e das ferramentas digitais podem trazer grandes avanços aos alunos, estreitando as relações com o professor e o conteúdo, aprimorando, assim, a capacidade reflexiva e crítica, mas, diante de todo esse universo de possibilidades, o sucesso está na figura do professor, o qual deve ser um mediador de forma constante para que os temas e as atividades não percam seus significados aos alunos que estão em fase de construção, caso contrário, serão mais conteúdos expostos na internet sem uma finalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1947.

ALMEIDA, Maria Elizabeth de. **Informática e formação de professores** (volumes 1 e 2) / Secretaria de Educação a Distância. Brasília, DF: Ministério da Educação, SEED, 2000.

AZEVEDO, Wilson. **A educação online sem ilusões**. Disponível em: <http://www.aquifolium.com.br/educacional/gazetarj>. Acesso em: 13 fev. 2016.

BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem**. In: SOUSA, RP., MIOTA, FMCS., and CARVALHO, ABG., orgs. *Tecnologias digitais na educação* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276 p. ISBN 978-85-7879-124-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 12/09/2018.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2003.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2.ed. Bauru, SP: Edusc, 2002.

DEMO, Pedro. **Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

DURKHEIM, Émile. **Solidariedade Mecânica e Solidariedade Orgânica**. In: RODRIGUES, José Albertino. *Émile Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 2006

_____. **As regras do método sociológico**. In: _____. *Durkheim*. São Paulo: Abril Cultural, 1978

FERNANDES, Luís. **Redes Sociais Online e Educação: Contributo do Facebook no Contexto das Comunidades Virtuais de Aprendentes**. Faculdade de Ciências e Tecnologia Universidade Nova de Lisboa Programa Doutoral em Media Digitais - UT Austin | Portugal. Disponível em http://www.trmef.lfernandes.info/ensaio_TRMEF.pdf. Acesso em 25/09/2018.

FONSECA, João José Saraiva da; FONSECA, Sonia Maria Henrique Pereira da. **Professores autores de material didático para educação a distância: relato do processo de acompanhamento pedagógico**. Seminário da Associação Brasileira de Educação a Distância.

Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/seminario2006/pdf/tc049.pdf>>. Acessado em 15 de setembro de 2016.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e pistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre, RS: Artes Médicas Sul, 1993.

HARGREAVES, Andy. **O ensino na sociedade do conhecimento**. Roberto Cataldo Costa (trad). Porto Alegre, RS: ArtMed, 2004.

JAIME, Miranda Júnior. **Redes sociais e a educação**. - 2. ed. – Florianópolis: IFSC, 2013. 60 p.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação**. Campinas, SP: Papirus, 6ª Ed, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 17ª..ed. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.

LESSING, Lawrence. **Meros Copistas**. In: CASTELLS, M. **A sociedade em rede: do conhecimento à ação política**. 2005. Disponível em <<http://biblio.ual.pt/Downloads/REDE.pdf> > Acesso em 26/09/2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3 ed. Tradução de Carlos Irineu da Costa São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov**. Revista Brasileira de Educação. Nr. 27, (p. 05-24), 2004.

LORENZO, Eder Wagner Cândido Maia. **A utilização das Redes Sociais na Educação: Importância, Recursos, Aplicabilidade e Dificuldades**: Clube de Autores - Editora, 2011. 105 p.

MATTAR, João. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato educacional, 2013.

MORAN, José Manuel. **Novos caminhos do ensino à distância**. Informe CEAD - Centro de Educação à Distância, Ano 1, n. 5, out/nov/dez. Rio de Janeiro: SENAI, 1994.

PORTO, Cristiane de Magalhães, NETO, Edilberto Marcelino da Gama. **Uma proposta de uso das redes sociais digitais em atividades de ensino e aprendizagem**: o Facebook como espaço virtual de usos socioeducacionais singulares IN: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edmea, orgs. Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, 445 p. ISBN 978-85-7879-283-1. Disponível em <<http://books.scielo.org>> Acesso em 22/08/2018.

PROBST, Gilbert; RAUB, Steffen; ROMHARDT, Kai. **Gestão do conhecimento**: os elementos construtivos do sucesso; trad. Maria Adelaide Carpigiani. Porto Alegre: Bookman, 2002.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Meridional, 2009. 191p

SAMPAIO, Marisa Narcizo; LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

SCHMITT, Valdenise.; MACEDO, Claudia Mara Scudelari de; ULBRICHT, Vania Ribas. **A divulgação de cursos na modalidade a Distância**: uma análise da literatura e do atual cenário brasileiro. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, Rio de Janeiro, v. 7, 2008.

SCOTON, Roberta Müller Scafuto; TAVARES JR., Fernando. **Educação, mídias e TIC**: reflexões sobre o papel docente. Inter-ação (UFG. Impresso), v. 39, p. 493-510, 2014.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Edusc, 1999.

SILVA, Cláudia Marin da. **As novas tecnologias de informação e comunicação e a emergência da sociedade informacional**. 2006. Disponível em <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/claudia.html>> acesso em 26/09/2018.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. Petrópolis, RJ: Vozes; 1998.

VIVES, Fernando. **O medo de olhar para frente**. Atualidades em sala de aula: Cartas na escola. N. 56, maio de 2011 – p. 14-17.